

PROFISSIONAIS QUE INSPIRAM

A professora que foi buscar lixo nas ruas e virou a mais influente do mundo

Débora Garofalo ensinou robótica com sucata numa escola cercada por favelas em São Paulo; método virou política pública e alcança cerca 3,7 milhões de estudantes

» JOÃO PEDRO LARA
RESENDE DE CARVALHO*

A ligação inesperada chegou de madrugada. Do outro lado, um representante da Comissão Internacional do *Global Teacher Influencer of the Year Prize* — o Nobel da Educação. O pedido era simples: embarque para Dubai, com passagem comprada. Débora Garofalo embarcou sem saber o que esperar.

Na cúpula internacional, descobriu que havia sido eleita a professora mais influente do mundo, mesmo sem inscrição no prêmio. “Fui pega de surpresa. Não estava nos meus planos ir para Dubai, não tinha sido convidada para a cúpula internacional este ano. A única coisa que me disseram para tentar me convencer foi que eu seria reconhecida e que meu voo decolava às 13h, no aeroporto de Guarulhos. Só me dei conta da dimensão quando estava lá, num jantar para mais de mil pessoas, e fui anunciada como a professora mais influente do mundo”, contou Débora, em entrevista exclusiva ao **Correio Braziliense** durante o Arco Day 2026, fórum de educação realizado em São Paulo.

A sua principal contribuição para o ensino público foi a democratização ao acesso à tecnologia nas escolas públicas brasileiras, provando que inovação não depende de recursos — depende de criatividade. A história começou em 2013, em uma escola municipal na zona sul de São Paulo. Cercada por quatro favelas, com alto índice de violência, sem saneamento básico e com alunos em situação de trabalho infantil, a ideia era mudar essa realidade com a inserção da robótica no currículo. Sem verba para kits especializados, Débora foi às ruas, reuniu garrafas, tampinhas, papelão, palitos de churrasco, seringas e mangueiras. Os materiais viraram matéria-prima para ensinar programação,

Reprodução/Agência Brasil



Débora Garofalo com o troféu do Global Teacher Influencer of the Year, em Dubai: reconhecimento da Varkey Foundation

circuitos elétricos e pensamento computacional a crianças de 6 a 14 anos. Assim nasceu o projeto Robótica com Sucata.

Os resultados foram significativos e, em quatro anos, a evasão escolar caiu 93%. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) da escola saltou de 4,2 para 5,2 e mais de uma tonelada de lixo foi retirada das ruas do bairro. A realidade das crianças mudou para melhor, elevou a autoestima dos alunos e reduziu o trabalho infantil.

Em 2019, representando a mulher latino-americana, Débora chegou à final do *Global Teacher*

Influencer of the Year Prize — ficando entre os 10 melhores professores do mundo. O que era um sonho virou política pública no estado de São Paulo, o projeto Robótica com Sucata está presente em 5.400 escolas e alcança cerca de três milhões de estudantes.

Inteligência artificial

Sete anos depois, o sucesso com sucata não encerrou a inquietação da educadora. O desafio agora é levar a inteligência artificial às periferias. Para Débora, o problema começa na infraestrutura: o Censo Escolar 2025 mostra que 94,5%

das escolas têm acesso à internet, mas cerca de 70% contam com conectividade adequada para o uso pedagógico, segundo a Estratégia Nacional das Escolas Conectadas (Enec), do Ministério da Educação (MEC). “A IA é as duas coisas ao mesmo tempo: um item de desigualdade social e uma ferramenta que ainda não está sendo usada para a criticidade. Como a gente gera igualdade assim?”, questiona.

A resposta de Débora passa pelo conceito de inteligência artificial desplugada — trabalhar os fundamentos sem depender do equipamento — e pela pedagogia do prompt, que ensina o estudante

a formular perguntas críticas em vez de copiar respostas prontas para o chatbot. É a mesma lógica da sucata: começar pelo que se tem, não pelo que falta.

A consagração internacional reforçou uma convicção construída em sala de aula. “O prêmio traz essa marca: mesmo em situação de extrema escassez, como a do Brasil, a gente pode inovar, e nosso trabalho pode ser merecedor de prêmios internacionais. Não é nesse lugar que a gente não pode inovar — muito pelo contrário.”

*Estagiário sob a supervisão de Ana Sá